

---

---

## LAZER E ÓCIO NOS DISCURSOS DE ATORES SOCIAIS DE UM PROGRAMA GOVERNAMENTAL DE ATIVIDADE FÍSICA

### LEISURE AND IDLENESS IN THE DISCOURSE OF SOCIAL ACTORS OF A GOVERNMENTAL PROGRAM OF PHYSICAL ACTIVITY

Marcos Gonçalves Maciel<sup>1</sup>, Luiz Alex Silva Saraiva<sup>2</sup>, José Clerton de Oliveira Martins<sup>3</sup>, Paulo Roberto Vieira Junior<sup>4</sup> e Liana Abrão Romera<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade do Estado de Minas Gerais, Ibirité, MG, Brasil.

<sup>2</sup>Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

<sup>3</sup>Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil.

<sup>4</sup>Instituto Federal de Minas Gerais, Santa Luzia, MG, Brasil.

<sup>5</sup>Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.

---

#### RESUMO

No Brasil as propostas do lazer e do ócio apresentam perspectivas distintas. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é analisar qual o entendimento dos atores sociais de um programa governamental de atividade física sobre o lazer e ócio. Trata de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso. A escolha do programa e dos participantes ocorreu de forma intencional. Adotamos a entrevista em profundidade para a coleta das informações e, usamos a técnica de saturação para determinar o número de participantes. Para a interpretação dos dados nos apropriamos da técnica da análise crítica do discurso, por meio da abordagem sociocognitiva. Como principais resultados; encontramos a predominância do discurso hegemônico referente ao lazer no Brasil, notadamente, descanso, diversão e consumo; um desconhecimento a respeito do ócio. Enquanto prática social as vivências realizadas pelos alunos do programa, em sua maioria, não condizem com os pressupostos teóricos referentes ao lazer, mas se caracterizam enquanto experiências de ócio. Concluímos pelos discursos analisados que as pessoas ressignificam suas práticas de lazer, estabelecendo um paradoxo entre o que é proposto teoricamente com o que é vivenciado cotidianamente, assim como compreendem a atividade física de forma funcionalista.

**Palavras chave:** Discurso. Subjetividades. Concepções.

---

#### ABSTRACT

In Brazil the proposals of leisure and idleness have different perspectives. Therefore, the objective of this work is to analyze the understanding of the social authors of a governmental program of physical activity on leisure and leisure. It deals with a qualitative research, of the case study type. The choice of program and participants was intentional. We adopt the in-depth interview for collecting the information and, we use the technique of saturation to determine the number of participants. For the interpretation of the data in the we appropriated of the technique of critical discourse analysis, by means of the approach socio-cognitive. As main results we find the predominance of the hegemonic discourse related to leisure in Brazil, notably rest, entertainment and consumption; an ignorance about idleness. As a social practice, the experiences carried out by the practitioners of the program, for the most part, do not conform to the theoretical presuppositions related to leisure, but are characterized as experiences of leisure. We conclude from the analyzed discourses that people re-signify their leisure practices, establishing a paradox between what is theoretically proposed and what is experienced daily, just as they understand physical activity in a functionalist way.

**Keywords:** Discourse. Subjectivities. Conceptions.

---

#### Introdução

Na literatura acadêmica brasileira atualmente há, pelo menos, duas vertentes de estudos que contemplam o fenômeno social relacionado ao tempo livre, lazer e ócio. Para Baptista<sup>1</sup> há semelhanças e especificidades entre essas áreas: a primeira baseada em autores anglo-saxônicos, e a segunda sob a influência ibero-americana. Os Estudos do Lazer no Brasil recebem grande influência das clássicas perspectivas teóricas relacionadas aos sociólogos<sup>2</sup> Joffre Dumazedier e Nelson Carvalho Marcellino.

Esses estudiosos apreçoam o lazer enquanto fenômeno urbano-industrial, caracterizado como seus aspectos constituintes, sobretudo, o componente temporal, a classificação dos campos de interesses, atitude, livre escolha. Muito embora existam

controvérsias entre esses estudiosos e seus seguidores a respeito de alguns aspectos conceituais sobre o fenômeno, como as categoriais temporais que o caracterizam – tempo livre ou disponível; relação entre lazer e trabalho; ócio enquanto uma possibilidade de lazer; adoção ou não de uma perspectiva crítica à visão funcionalista. Todavia, a representação social do lazer na sociedade hipermoderna é associada, principalmente, ao descanso, divertimento e consumo<sup>3</sup>.

Distintamente, os Estudos do Ócio, ainda incipiente no Brasil, apresentam algumas especificidades relativas aos modos de vivenciar o tempo livre. Essa área tem como precursor o professor Manuel Cuenca, vinculado ao Instituto de Estudios de Ocio, na Espanha, que vem desde o final da década de 1980, desenvolvendo conhecimentos teórico-empíricos sob a perspectiva do ócio humanista<sup>4</sup>. Por se tratar de estudioso oriundo de país de língua hispânica, o mesmo não adota o termo lazer, vocábulo inexistente naquele idioma, fazendo uso, de modo exclusivo do termo ócio.

A palavra ócio na língua portuguesa denota, normalmente, um sentido negativo das práticas no tempo livre, uma vez que é confundido como ociosidade. Dessa forma, defendemos nesta pesquisa que os termos ócio e lazer não são sinônimos, pois carregam nuances e significados epistemológicos e teóricos distintos.

Defensor de um ócio humanista, Cuenca<sup>6</sup> ressalta que para entender a cultura do ócio e a transcendência presente na atualidade é importante que os educadores diferenciem ócio do tempo livre, e de uma mera prática. Para discutir a questão da temporalidade e o ócio, esse autor recorre aos escritos de De Grazia que apontavam o tempo livre como forma concreta de estimar uma determinada classe de tempo, enquanto o ócio é uma forma de ser. Por sua vez, o lazer vincula-se, notadamente, ao consumo e a prática de atividades exclusivamente em um tempo livre das obrigações sociais<sup>16</sup>. Cuenca<sup>6</sup> segue defendendo que torna-se difícil compreender a sociedade atual sem considerar o ócio como um importante pilar de desenvolvimento seja pessoal e social.

O ócio é compreendido como uma experiência humana psicossocial envolvendo uma percepção subjetiva caracterizada pela satisfação, espontaneidade, não utilitária, com um fim em si mesmo<sup>5,6</sup>. A proposta do ócio é que as pessoas que o vivenciam possam dar um sentido para a vida, contribuindo, assim, para o desenvolvimento humano<sup>7</sup>.

Essa perspectiva também pode apresentar um hibridismo entre a vivência e a qualificação subjetiva da experiência realizada, independentemente de um tempo livre, como apregoado pelo lazer. Em outras palavras, uma pessoa pode entender uma vivência em determinado tempo social como, por exemplo, o próprio trabalho, como uma experiência de ócio; por outro lado, pode estar assistindo um filme em seu tempo livre sem percebê-lo como sendo de lazer. Cuenca<sup>5</sup> esclarece que essas experiências não dependem da atividade em si, mas, da atitude que se assume ao realizá-la.

Uma das vivências que podem ser realizadas no tempo livre é a atividade física. Por apresentar essa característica temporal há uma representação social em relacionar tal vivência de forma implícita como sendo de lazer, o que necessariamente pode não ser uma verdade. Pois para além da temporalidade, segundo a perspectiva sociológica do lazer, também, se faz necessária a identificação de outros aspectos como a liberdade de escolha, o desinteresse e a subjetividade/atitude<sup>8</sup>. A presença dessas características se assemelha à proposta dos Estudos do Ócio<sup>6</sup>.

Tendo em vista essas especificidades, conclui-se que nem toda vivência realizada no tempo livre deve necessariamente ser compreendida linearmente como lazer. Para se fazer tal afirmativa é primordial que se pergunte diretamente para a pessoa envolvida se ela entende tal vivência como lazer. Considerando esses aspectos o objetivo deste trabalho é analisar qual o entendimento de autores sociais – profissionais de Educação Física e alunos – de um programa governamental de atividade física (PGAF) sobre o que seja lazer e ócio.

## **Métodos**

### *Participantes*

Participaram da pesquisa 18 pessoas, sendo três profissionais de Educação Física e 15 alunos matriculados no programa em questão. Para garantir o anonimato dos profissionais, nos referiremos a eles enquanto P1, P2 e P3. Igualmente para garantir o anonimato identificamos os participantes por um nome fictício, seguido pela idade de cada um, por exemplo, Carlos (62). Todos os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, conforme previsto nas normas que envolvem os estudos com seres humanos. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais, sob o parecer 1.548.799.

### *Procedimentos*

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, descritiva e de campo, do tipo estudo de caso<sup>9</sup>. A escolha do local investigado e dos participantes foi intencional. Como critério de inclusão à pesquisa os profissionais deveriam ser formados em Educação Física, e atuar na unidade de desenvolvimento do programa há pelo menos um ano. Pois consideramos que esse tempo seja, minimamente, suficiente para ter um conhecimento da comunidade local, assim como a assimilação da proposta do programa. Quanto aos alunos o critério de inclusão era que tivessem uma frequência mínima de participação ininterrupta de três de meses nas atividades desenvolvidas.

Adotamos como técnica de coleta das informações a entrevista em profundidade. As mesmas foram previamente agendadas durante o mês de janeiro de 2016, e realizadas individualmente em uma sala reservada e pertencente ao local onde as atividades eram desenvolvidas. O número de entrevistados foi definido pelo critério de saturação dos dados<sup>10</sup>. As entrevistas foram gravadas por meio de áudio e posteriormente transcritas – digitalizadas para um editor de textos.

### *Análise dos dados*

Para a interpretação das informações usamos a análise crítica do discurso, proposta pelo linguista Van Dijk<sup>11,12</sup> que contempla uma abordagem sociocognitiva. Esta permite analisar o meio de produção discursiva levando em conta não apenas os aspectos linguísticos e gramaticais, mas também os aspectos socioculturais em determinado contexto. Assim, o discurso é entendido como uma prática social que comunica significados e crenças, que (re)produz e transforma as relações sociais.

## **Resultados e Discussão**

Participaram da pesquisa três profissionais bacharéis em Educação Física, com médias de 29,6±5,5 anos de idade, 6,3 anos de tempo de formação acadêmica, e atuando no referido programa há 3,6 anos. Em relação aos alunos do programa, foram entrevistados seis homens e nove mulheres, tendo média de idade de 51,9±11 anos.

Para a compreensão da percepção sobre o lazer, perguntamos aos profissionais o que cada um entende sobre a temática. Os depoimentos apresentados demonstram a reprodução de um discurso acadêmico vinculado à teoria do lazer predominante no Brasil<sup>2,13</sup>, tendo por pressupostos as abordagens desenvolvidas por Dumazedier<sup>14</sup> e Marcellino<sup>8</sup>. Estas abordagens entendem o lazer enquanto fenômeno ligado à modernidade, praticado no tempo livre<sup>14</sup> ou disponível<sup>8</sup>, e sobre as quais a pessoa se entrega essencialmente pela livre escolha para a participação em vivências prazerosas. Essa perspectiva sociológica prioriza a relação dialética na disputa de poderes entre trabalhadores e o capital. As falas dos profissionais expressam

esse discurso:

[...] É coisa que eu gosto de fazer. A pessoa gosta de fazer isso? Tá fora do horário de trabalho dela? Tá fora das obrigações? Vamos dizer assim, né. É um lazer (P1).

O lazer pra mim, assim, é muito questionável, né? Existem várias linhas para se conceituar lazer. Mas, eu entendo que lazer é aquela atividade que o sujeito busca realizar que é por vontade própria, né? Sem obrigação de fazê-la; muitas vezes buscando preencher o tempo ocioso que ela tem, né? [...] Mas, eu acredito que seja uma busca voluntária desse sujeito pra poder se satisfazer, né? E, principalmente, procurar preencher um tempo do seu dia (P2).

Pra mim, lazer é aquilo que você faz sem obrigação [...] Eu acho que tem muitos que quando começam aqui na academia da cidade, eles vêm por obrigação. Mas, depois eu vejo que melhora. Eles não vêm por obrigação, eles vêm, porque eles gostam. [...] Tem caso de gente que cuida da mãe acamada, há não sei quantos anos, é o único momento do dia que ela não tá focada na mãe, que ela vem pra cá, pra “desestressar”. Eu tenho certeza que não necessariamente é pra fazer atividade física, pra melhorar nada. É justamente o tempo pra ela, que tem de lazer (P3).

No depoimento de P1, as expressões “[...] gostar [...]”, “[...] fora do horário de trabalho [...]”, “[...] fora das obrigações [...]”, denotam algumas características apresentadas pelos Estudos do Lazer, como prazer, tempo livre e atitude. No entendimento de P2, o lazer representa uma polissemia ao relatar que “[...] existem várias linhas para se conceituar lazer [...]”. Todavia, para esse mesmo profissional, o lazer está vinculado à livre escolha, como percebido no fragmento “[...] por vontade própria [...]” e “[...] sem obrigação [...]”, corroborando a P1. Entretanto, esse profissional, também, destaca o lazer como uma forma de “preencher o tempo ocioso”, ou seja, de compensar o tédio. É importante ressaltar a perspectiva funcionalista do lazer e, semelhantemente, da atividade física. Em outras palavras, aparentemente não se vivencia esse tempo e essa atividade de forma desinteressada, com um fim em si mesma, mas, sempre atribuindo a ela uma função, um meio para se obter algum benefício decorrente dessa prática.

Segundo P3, a livre escolha é um aspecto que caracteriza o lazer, como demonstrado no fragmento “[...] sem obrigação [...]”. O profissional destaca a possibilidade de mudança de atitude da pessoa ao longo de determinada vivência, conforme apresentado no trecho “[...] mas, depois eu vejo que melhora [...]”. Não menos importante é destacar, também, a possibilidade do aspecto de descanso, ou de evasão da realidade diária que o lazer pode proporcionar, como percebido no trecho dito pelo profissional: “[...] é o único momento do dia dela que ela não tá focada na mãe, que ela vem pra cá, pra ‘desestressar’ [...]”. Esse profissional ressalta os aspectos relacionados à motivação extrínseca que move a pessoa, o que, também, é legítimo. Todavia, essa característica é distinta à proposta do ócio humanista, que assume como primícia a motivação intrínseca, isto é, a autossatisfação pelas experiências promovidas pela vivência.

Ao analisar os depoimentos desses profissionais é possível identificar a reprodução de um discurso acadêmico que apresenta os atributos que caracterizam o lazer segundo a perspectiva sociológica<sup>8,14</sup>. Também foi possível perceber que o lazer pode ser usado como momento de fuga da realidade pessoal. No entanto, nenhum dos profissionais relatou quaisquer características vinculadas à promoção do desenvolvimento pessoal<sup>8,14</sup>.

Esse fato reflete a influência do discurso existente quanto ao entendimento do lazer na sociedade contemporânea vinculando-o, sobretudo, às funções de consumo e divertimento<sup>15</sup>. De acordo com a abordagem apresentada por Van Dijk<sup>11</sup>, discursos podem receber distintas influências de grupos hegemônicos, por exemplo, dos sistemas de ensinos e mídias, para criar um contexto que favoreça a sua reprodução. De maneira mais específica, a construção da

memória social – esta entendida como um conjunto de conhecimento elaborado por uma área de conhecimento, como no caso da Educação Física – perpassa, principalmente, pelos conhecimentos teóricos que são transmitidos durante a formação acadêmica e/ou continuada.

Nos depoimentos a seguir, percebemos a reprodução ideológica quanto à perspectiva funcionalista, tanto do lazer quanto da atividade física, que podem influenciar a concepção adotada pelos profissionais:

(Pergunta): Você acredita que o Programa Academia da Cidade-BH trabalha com lazer ou atividade física? “Acho que a academia tem os momentos. Ela tem o momento da promoção, tem o momento da prevenção, tem o momento do lazer; então, ela tem momentos. É... nossa proposta inicial é exercício físico, três vezes por semana, àquela hora. [...] A gente tem os momentos de lazer? Temos. Quando eu pego uma turma, por exemplo, e vou levar pra fazer um passeio. [...] Então, assim, eu vejo que a academia abraça tudo de acordo com os momentos; não pode é confundir. Falar assim: Ah, eu tô indo pra academia, tô indo pra minha aula, segunda-feira, 7 horas da manhã, meu lazer? Não. Não é o meu lazer. Eu estou lá pra fazer a minha prática de atividade física, meu exercício físico. Ah, hoje é 3ª feira, o pessoal marcou um passeio, é lazer? É”. [...] (P1).

(Pergunta): Você compreende que essas atividades que seus alunos fazem como lazer? “Olha pra alguns pode ser; como profissional não. Não vejo como lazer assim; talvez pelo fato da busca deles vir quase sempre pela prevenção da doença ou do agravo eu não consigo fechar tão bem assim; talvez eu tenha que trabalhar isso, porque de fato para alguns seja, né? No meu ponto de vista, assim, o lazer deveria ser mais solto, sabe? Então você não trabalha a atividade para eles enquanto lazer? Não”. (P2).

Os relatos de P1 e P2 confirmam o entendimento anteriormente apresentado que para se ter lazer é necessário que a pessoa tenha um tempo livre diferente ao que tem durante a vivência das atividades oferecidas pelo PGAF. Todavia, as atividades físicas desenvolvidas no programa são entendidas em sua essência como promotoras de saúde. Fica evidenciado o pragmatismo dos profissionais quanto à “impossibilidade” de promover o lazer nas aulas, mesmo que haja um ambiente agradável que denote uma satisfação, dentre outros atributos concernentes ao lazer que podem ser observados nesses momentos.

Em relação ao entendimento do lazer por parte dos alunos, também identificamos uma reprodução do mesmo discurso. Este, todavia, adquirido em forma de conhecimento cultural, ou de senso comum, como apresentado pelas falas:

“[...] é reunir com as pessoas, é passear, viajar, curtir junto com as outras pessoas né!” João (44).

“[...] o lazer da família, sair, [...] ir num clube, por exemplo”. Carlos (62).

Ao considerar essa forma de conhecimento, de acordo com Van Dijk<sup>11</sup>, o discurso surge quando as interações sociais são efetivadas a partir de crenças, conhecimentos, normas e valores compartilhados coletivamente, ou seja, por representações sociais. Para esse autor, essas representações são “categorizadas”, e é por meio delas, que as vivências são frequentemente compreendidas na situação comunicativa. Assim, por meio dessas representações cotidianas apresentadas pelos discursos, como as conversações, noticiários, livros, é que se adquire o conhecimento do mundo e as atitudes socialmente compartilhadas<sup>11</sup>. Essa dinâmica cria um quadro amplo, maneira pela qual os grupos e os possuidores do poder são capazes de afetar o discurso social.

No caso específico dos alunos, de forma unânime, a representação social do lazer, também, está atrelada ao descanso e divertimento, reproduzindo o apelo midiático ao

relacionar o lazer ao tempo livre, notadamente, durante os fins de semana, feriados e/ou férias<sup>13</sup>. Esses períodos são tradicionalmente usados pelas pessoas para passearem e/ou viajarem, assim como se divertirem ao buscar espaços e/ou equipamentos de lazer que permitam tempos de relaxamento e “fuga” dos problemas do cotidiano.

Os participantes João (44) e Carlos (62) destacam os componentes social, turístico e diversão atribuídos ao lazer, reproduzindo, possivelmente, um discurso midiático que é vendido pela sociedade contemporânea. Essas características destacam os aspectos consumistas que permeiam esse entendimento de lazer<sup>5,16,17</sup>.

Ao analisar a compreensão dos profissionais e alunos sobre o lazer, identificamos uma distinção quanto aos aspectos que permeiam seus respectivos discursos. No primeiro grupo há uma reprodução de um discurso hegemônico construído, por exemplo, durante a formação acadêmica. Van Dijk<sup>11</sup> denomina esse tipo de discurso como parte de um conhecimento específico de uma classe social que tem como objetivo criar, propagar e defender suas ideologias. Por sua vez, o discurso dos alunos representa um conhecimento de senso comum associado ao consumismo e ao divertimento, amplamente explorado pelos meios de comunicação de massa ao vender a ideia da representação do lazer.

Explorado a perspectiva do lazer, igualmente, perguntamos aos participantes o que elas entendem sobre o ócio. O grupo de profissionais relacionou o ócio à ociosidade, reproduzindo um discurso de senso comum:

“[...] Não que o ócio seja ruim, às vezes é bom! Eu tô a fim de ficar no ócio mesmo, tô cansado, enfim, mas, tem as horas, tem os momentos, vão dizer assim!”(P1).

“[...] o ócio por si só é aquele tempo em que é o tempo de não trabalho [...], então, se for pensar por esse lado, o tempo que eles estão aqui – se refere aos alunos – não é um tempo de trabalho deles, né! um tempo que eles têm ocioso, digamos assim, eu acho que é isso” (P2).

“[...] 90% das pessoas que vêm encaminhadas pra cá é porque ficam ociosas dentro de casa! Então, vem justamente pela interação social [...] várias doenças aparecem em função do ócio!” (P3).

Esses depoimentos remetem pelo menos a duas observações. Os profissionais graduaram-se nos anos de 2008, 2010 e 2011. Todavia, não se recordaram de possíveis discussões dos conteúdos a respeito da abordagem clássica sobre o ócio grego apregoado, sobretudo, por Aristóteles, tão difundida em diferentes áreas de conhecimentos no meio acadêmico. Normalmente, nos currículos dos cursos de Educação Física há disciplinas como a História da Educação Física, e/ou Fundamentos do Lazer, que discutem ou deveriam contemplar sobre os princípios que norteavam a sociedade grega que adotava o ócio como meio de formação do cidadão, adotando, por exemplo, a atividade física, música, poesia, dentre outras vivências. O ócio contemplativo difundido na Grécia Antiga podia ser compreendido como um estado de fruição criadora, de paz, condição para a sabedoria<sup>17,18</sup>. Portanto, os aspectos relacionados às experiências contemplativas, aos diferentes modos de vida, às manifestações culturais, valores e sentidos permeavam o ócio desde aquela época.

Percebemos, também, um desconhecimento quanto à proposta do ócio humanista<sup>6</sup>. Embora Cuenca tenha iniciado suas investigações no final dos anos de 1980, no Brasil o eco de suas obras ainda é recente. Portanto, é compreensível a pouca a visibilidade dessa perspectiva no meio acadêmico brasileiro. No entanto, podemos destacar os trabalhos de alguns autores ibero-americanos que discutem essa perspectiva<sup>1,5,6,7,16,19,20,21</sup>.

Para Cuenca<sup>5</sup> o ócio humanista transcende a perspectiva temporal o não fazer nada, e o realizar um conjunto de atividades. Mas, pauta-se, sobretudo, na subjetividade de quem o vivencia, na satisfação e na motivação intrínseca. Assim, o ócio humanista está atrelado aos

aspectos valorativos, ao não utilitarismo, à complexidade das experiências promovidas em sua vivência que conduzem ao desenvolvimento humano.

Outra análise que pode ser realizada quanto ao discurso apresentado pelos depoentes, diz respeito ao significado equivocado ao qual normalmente o ócio é associado, isto é, à ociosidade. A palavra ócio no Brasil resguarda valores negativos devido à influência religiosa e a ideologia capitalista caracterizada pela modernidade que lhe trouxe uma nova conotação<sup>15</sup>.

Esse fato infere à ideia de uma valorização do trabalho e condenação ao não trabalho, a improdutividade. Assim, o ócio perde seu sentido de contribuir para a formação humana, atribuindo-lhe um aspecto pejorativo, como o “pai de todos os vícios” ligando-o diretamente à preguiça.

Ao perguntar aos alunos do programa o que entendem sobre o ócio, de forma unânime responderam que jamais tinham ouvido falar a respeito. Esse fato demonstra que até em nível de senso comum, pelo menos entre os participantes, há um completo desconhecimento sobre o assunto, como que em meio à sociedade capitalista não seja adequado falar sobre algo que remeta à “improdutividade”.

Quando perguntado aos alunos o que fazem como lazer no seu dia a dia, as respostas denotam uma vivência distinta ao entendimento que têm sobre o tema, “[...] é a vidinha de casa mesmo [...]”, “[...] sair de casa, do seu foco, eu adoro conversar, isso é, distrair [...]”, “[...] jogar vídeo game [...]”. Os depoimentos associam o lazer às “tarefas simples” da vida, como o relacionamento familiar, a satisfação, sair de casa para “jogar conversa fora”, o altruísmo, sem a necessidade de gastar dinheiro, em detrimento ao consumo e divertimento, como demonstrado pelos depoimentos a seguir:

“No dia a dia, é a vidinha de casa mesmo, cuidando das coisas” MÁRIO (60).

“[...] é ir lá pra igreja, trabalhar lá, ajudar as pessoas; isso pra mim é lazer. [...]; ir pra uma reunião, fazer uma oração [...], sair de casa, do seu foco, eu adoro conversar, isso é distrair [...]” REGINA (60).

“No meu dia a dia, a gente costuma jogar vídeo game, aquele Xbox de dança, que a gente ri até. E filme, né?” PAULA (38).

A identificação da distinção entre o que os alunos compreendem como lazer e o que vivenciam no cotidiano, reforça a ideia da concepção midiaticamente reproduzida do lazer, destacando-o, como consumo. Todavia, as vivências relatadas apresentam os atributos das experiências de ócio, como, desfrute, sociabilidade, descanso, ruptura, dentre outros<sup>19,21,22</sup>. Ao considerar essa perspectiva, as vivências apresentadas pelos participantes do programa atendem a alguns dos atributos elencados para caracterizá-las como experiências de ócio<sup>21</sup>, a saber:

1) percepção de liberdade; 2) motivação ou significado intrínseco (autotelismo); 3) desfrute ou estados afetivos positivos; 4) desenvolvimento humano; 5) sociabilidade ou encontro interpessoal; 6) descanso ou relaxamento; 7) ruptura ou evasão; 8) desafio; 9) implicação psicológica; 10) autoexpressão; e, finalmente, 11) os estados introspectivos: o encontro consigo, com a natureza ou com a beleza (apreciação estética).

A subjetividade aproxima as pessoas do ócio, pois apresenta uma intencionalidade na forma de ser e de estar no mundo conforme as circunstâncias envolvidas<sup>20</sup>. Portanto, o ócio remete a uma situação desejável, que possibilita o espírito de curiosidade e interesse, funcionando como agente catalisador entre o comportamento e a ação vivenciada.

Ademais, o ócio enquanto vivência centrada na subjetividade e no cotidiano pessoal, não se apresenta de forma linear e causal, mas, está imbricado de maneira dinâmica e complexa com os demais fenômenos sociais, independente dos tempos sociais<sup>6</sup>. Assim, o ócio se distingue do simples entretenimento ou diversão – embora, estes sejam totalmente lícitos em suas vivências – pelo grau de envolvimento positivo, com o esforço, empenho e a constância com que pessoa se envolve em uma vivência<sup>20</sup>.

Para identificar como ocorrem essas percepções, Van Dijk<sup>12</sup> alega que as representações são armazenadas na memória de longo prazo, estabelecendo os modelos mentais assumidos individual e coletivamente. Estes se referem aos eventos considerados como relevantes e que são esquematicamente categorizados em nossa mente, como, por exemplo, o lazer e o ócio. Essas percepções ocorrem devido ao fato desses modelos mentais não representarem apenas as crenças pessoais, mas, sobretudo, as variações subjetivas das representações sociais – conhecimento, atitudes e ideologias –, notadamente, vinculadas pelos grupos e organizações sociais estabelecendo parâmetros sobre um discurso<sup>11,12</sup>.

Outro elemento relevante para essa discussão é a associação da atividade física atrelada ou não como momento de lazer. Perguntamos aos participantes o que os motivavam a praticar a atividade física. Dentre os diferentes depoimentos podemos citar:

“Diminuir o cansaço e as dores para conseguir fazer as coisas” Maria (68).

“Ah. Foi o problema de coluna; eu comecei a caminhar, eu não gostei de caminhar não” Regina (60).

“Gostar, saúde, saúde também” Marta (41).

“O médico pediu pra gente regularizar a saúde” Vanda (66).

As respostas foram unânimes quanto aos fatores extrínsecos, e, prioritariamente, apontam o fator saúde como principal motivo de adesão a essa vivência. Percebemos a influência do discurso biomédico como fator preponderante para a realização das atividades, o que, também, não deixa de ser legítimo. Assim, em sua maioria, os alunos relataram prioritariamente a saúde, como motivo extrínseco e não como motivação intrínseca, baseada, por exemplo, na autossatisfação, autorrealização, para realizar a atividade física.

Somente quatro alunos afirmaram compreender essa vivência como lazer. Portanto, questionamos: Se essas atividades são realizadas no tempo livre, livremente escolhidas, são satisfatórias segundo a percepção dos alunos, então, porque a baixíssima associação como vivência de lazer? Maciel e Soares<sup>23</sup> ao realizarem a análise discursiva da proposta dessa modalidade de programa, relatam a presença de um discurso biomédico refletido enquanto representação social ao relacionar, enfaticamente, a “atividade física como saúde”. Esse discurso também é reproduzido por profissionais da área da saúde, mídias e a “indústria da saúde” – que compreende os setores de alimentação, roupas, equipamentos esportivos<sup>24</sup>. Dessa maneira, identificamos uma forte influência desse discurso em detrimento da vivência dessa atividade como forma de lazer, satisfação, momento dedicado só para si, ou conforme as características do ócio humanista.

Na sociedade contemporânea funcionalista ainda parece existir restrições em assumir que “se perde tempo” com o nada fazer, com o não utilitarismo das práticas sociais. Pois dizer que se gasta tempo fazendo atividade física como meio para se obter saúde pode ser mais conveniente, e parece ser socialmente mais aceitável do que dizer que a faz pelo simples fato de autorrealização e autossatisfação.

A distinção apresentada pelos participantes das motivações que os levam a realizar uma atividade física, e entendê-la como um momento de lazer, pode estar relacionado com os modelos mentais construídos, assim como com os aspectos pessoais e socioculturais.

Conforme Chaves<sup>25</sup> as percepções pessoais relacionadas à subjetividade surgem, “[...] a partir da atividade do indivíduo, agente e auto construtor de si mesmo, se dá no contexto cultural de relações sociais nas quais está inserido e que estas relações produzidas pelos indivíduos dependem de práticas histórico-culturais desenvolvidas pela sociedade”. Dessa forma, as inter-relações existentes entre a pessoa e a sociedade retratam como os aspectos socioculturais historicamente construídos pelo homem, o envolvem. Não obstante, a cultura influencia a pessoa e/ou coletividades, sobre as suas formas de pensar, de sentir e de agir.

Contudo, a atividade individual, no âmbito dessa sociedade, poderá induzir a apropriação, reformulação e reconstrução das compreensões de fenômenos culturais. A partir dessa atividade, portanto, o ser humano constrói a sua subjetividade que é influenciada pelas práticas culturais, as quais ele mesmo mantém, transforma ou descarta.

Defendemos a tese de que as vivências das atividades físicas devam ser promovidas para além dos aspectos funcionalistas, considerando, sobretudo, as subjetividades que podem ser construídas nessa relação. Para tanto, desenvolver essas vivências por meio da proposta das experiências de ócio poderia ser uma importante contribuição para se alcançar esse objetivo. Para Martins<sup>26</sup> a pessoa ao convocar as “[...] experiências de ócio como valor e prática sistemática promove o desenvolvimento de sua autonomia, ocasionando o aumento da autoestima, e, podendo, ainda, obter satisfação e relaxamento”. Assim, embora realizando vivências pautadas inicialmente pelos aspectos funcionalistas, as pessoas podem ao longo desse processo modificar suas percepções, por meio de ações pedagógicas e/ou espontaneamente, assumindo-as como experiências de ócio, ao incorporar alguns de seus atributos, como forma de dar sentido à vivência, mesmo que sejam cotidianas, porém, assumem um caráter significativo<sup>7</sup>.

## **Conclusões**

A adoção da proposta sociocognitiva para a interpretação dos discursos dos atores sociais envolvidos neste estudo possibilitou desvendar nuances das representações assumidas pelos participantes. No entanto, a opção por essa abordagem apresenta limitações pelas escolhas metodológicas adotadas. Ademais, em virtude de não termos encontrado na literatura estudos que contemplassem objetivos semelhantes e o método de análise utilizado nesta investigação, restringiu as discussões realizadas neste trabalho.

A análise discursiva permitiu identificar por parte dos profissionais a reprodução do discurso da proposta predominante dos Estudos do Lazer no Brasil, notadamente, destacando os atributos relacionados ao tempo livre, prazer, descanso e divertimento. Esse posicionamento pode ser marcado pela influência do modelo mental a partir da formação acadêmica que delineiam as representações específicas de uma área de conhecimento, neste estudo, a Educação Física, que assume um protagonismo sobre a temática do lazer no Brasil.

Em relação ao ócio, os profissionais não relataram os aspectos históricos sobre a temática, se quer, sobre a clássica perspectiva grega, tampouco a recente proposta apresentada pelos autores que desenvolvem estudos segundo a perspectiva do ócio humanista. Ademais identificamos que ainda apresentam um modelo mental vinculado ao aspecto pejorativo sobre o ócio, isto é, enquanto ociosidade, improdutividade. Por sua vez, os alunos apresentam um modelo mental associando o lazer ao descanso, divertimento e consumo, reproduzindo uma ideologia capitalista, e, em senso comum, remetem a alguns dos princípios apresentados pela área de Estudos do Lazer no Brasil. Por sua vez, segundo seus discursos, desconhecem o significado do ócio.

Possivelmente o discurso hegemônico do lazer pode ter influenciado a adoção desse modelo mental, quer seja pelas relações sociais estabelecidas com os profissionais do programa investigado, assim como, pelas mídias que vendem a ideia do lazer. Entretanto, os

dados demonstram um paradoxo em relação a perspectiva teórica da área sociológica do lazer. Na prática, os alunos realizam vivências de lazer relacionadas ao cotidiano e desvinculadas necessariamente a um tempo livre das obrigações sociais, e de consumo.

Esse fato permite refletir sobre a idealização do fenômeno lazer na sociedade contemporânea. Porém, analisando os discursos identificamos que as pessoas ressignificam suas vivências, dando-lhes sentidos peculiares, potencializando e qualificando as “tarefas simples da vida”, como as realizadas cotidianamente, caracterizando essas vivências semelhantes à proposta das experiências de ócio.

Outro fato relevante identificado na análise dos dados foi o discurso atribuído à atividade física. Em uma sociedade caracterizada pelo funcionalismo, esse tipo fenômeno social é promovido, por exemplo, como “ferramenta” ou “estratégia” para se alcançar um “fim social maior”, como ocupar o tempo livre, fugir do tédio, como prevenção de doenças e/ou promoção da saúde, movendo a indústria da saúde. Por outro lado, assumir a perspectiva da realização da atividade física como experiência de ócio, vincula-a, notoriamente, em promover os sentimentos de autorrealização, autossatisfação, o desenvolvimento humano. Embora, esses aspectos sejam defendidos, ainda, são “tabus” a serem vencidos na sociedade contemporânea produtivista.

## Referências

1. Baptista MM. (2016). Estudos de ócio e leisure studies: O atual debate filosófico, político e cultural. RBEL 2016;3(1):20-30.
2. Bertini VMR. O pensamento de Joffre Dumazedier e de Nelson Carvalho Marcellino: algumas convergências e diferenças no campo do Lazer. Licere 2005;8(1):111-125.
3. Pinheiro KF, Rhoden I, Martins JCO. A experiência do ócio na sociedade Hipermoderna. Revista Mal-Estar e Subjetividade 2010;10(4):1131-1146.
4. Romera L. Entrevista com professor Manuel Cuenca del Instituto de Estudios de Ocio de la Universidad de Deusto. Licere 2016;19(2):429-441.
5. Cuenca MC. O ócio autotélico. Revista do Centro de Pesquisa e Formação 2016;(2):10-29.
6. Cuenca MC. Ócio humanista: Dimension y manifestiones del ócio. Bilbao: Universidad de Deusto; 2000.
7. Francileudo FA, Martins JCO. Sentido do tempo, sentido do ócio, sentidos para o viver. Coimbra: Gracio Editor; 2016.
8. Marcellino NC. Lazer e educação. Campinas: Papyrus; 1987.
9. Creswell JW. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed; 2010.
10. Strauss A, Corbin J. Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2. ed. Porto Alegre: Artmed; 2008.
11. Van Dijk T. Discurso e contexto: Uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto. 2012.
12. Van Dijk T. Ideology and discourse A multidisciplinary introduction. Barcelona: Pompeu Fabra University; 2004.
13. Gomes CL. Lazer: Necessidade humana e dimensão da cultura. RBEL 2014;1(1):3-20.
14. Dumazedier J. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva; 1973.
15. Aquino CAB, Martins JCO. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. Rev Mal-Estar e Subjetividade 2007;7(2):479-500.
16. Martins JCO. Lazer, tempo livre e ócio na cidade contemporânea. Revista Interdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas 2013;1(5):131-147.
17. Marinho, A, Pimentel, GGA. Dos clássicos aos contemporâneos: Revendo e conhecendo importantes categorias referentes às teorias do lazer. In: Pimentel GGA. Teorias do lazer. Maringá: Eduem; 2010.
18. Marcassa L. Ócio. In: GOMES CL, editor. Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica; 2004, p. 126-133.
19. Cuenca. Aproximación multidisciplinar a los estudios de ocio. Bilbao: Universidad de Deusto; 2006.
20. Monteagudo MJ, Cuenca J, Bayón F, Kleiber DA. Ócio ao longo da vida: As pontencialidades dos itinerários de ócio para a promoção do desenvolvimento humano. Revista Lusófona de Estudos Culturais 2013;1(2):156-173.

21. Rhoden I. O ócio como experiência subjetiva: contribuições da psicologia do ócio - Revista Mal-Estar e Subjetividade 2009;9(4):1233-1250.
22. Rhoden I. A experiência do ócio construtivo e a qualidade de vida. Textual 2005;1(6):10-21.
23. Maciel MG, Soares LA. Análise discurso do programa academia da cidade de Belo Horizonte/MG. Licere 2016;19(1):203-232.
24. Maciel MG. A efetividade das experiências de ócio em um programa governamental de atividade física. [Tese de doutorado em Estudos do Lazer]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer; 2016.
25. Chaves AM. O fenômeno psicológico como objeto de estudo transdisciplinar. Psicol Refl Crít 2000;13(1):159-165. Doi: 10.1590/S0102-79722000000100016.
26. Martins JCO. Ócio e promoção da saúde. Rev Bras Promoç Saúde 2015;28(3): 297-300.

**Agradecimentos:** À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais que concedeu bolsa de estudo para Marcos G. Maciel durante o doutorado (FAPEMIG – PCRH 90402/14)

**ORCID** dos autores:

Marcos Gonçalves Maciel: 0000-0002-8357-491x  
José Clerton De Oliveira Martins: 0000-0002-8229-0915  
Paulo Roberto Vieira Junior: 0000-0001-8456-9779  
Liana Abrão Romera: 0000-0001-7501-670x  
Luiz Alex Silva Saraiva: 0000-0003-4809-2744

Recebido em 20/01/18.

Revisado em 22/06/18.

Aceito em 25/07/18.

---

**Endereço para correspondência:** Marcos Gonçalves Maciel. Av. São Paulo, nº 3.996, Vila Rosário. Ibité/MG - CEP: 32400-000. E-mail: marcos.maciel@uemg.br